

# A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Editor:

ALCINDO DIAS PEREIRA

Propriedade da Empresa de A VELHA GUARDA

Director:

VITORINO SIMÕES LOPES SAMPAIO

Redacção e Administração: Rua 31 de Janeiro, 165—Composto e impresso na Tipografia MINERVA VIMARANENSE: Rua 31 de Janeiro — GUIMARÃES

## Linhas férreas

Do grande projecto ferroviário de Braga cabe apenas a Guimarães a ligação com aquela cidade.

O caminho de ferro entre Braga e Guimarães está planeado ha tantos anos, tantas vezes tem sido estudado e adjudicado que já começa a parecer um conto de fadas.

Mas admitamos que desta vez a ideia tenha realização e apreciemo-la serenamente.

E' inegavel que a viação acelerada entre as duas importantes cidades do distrito se impõe e a ninguem é dado discutir a prioridade das vantagens porque elas são reciprocas.

O bem e o progresso desta região exigem um meio fácil, rápido e económico de ligação entre Braga e Guimarães, e para a sua rápida realização todos devem colaborar.

Torna-se porém necessário ponderar a conveniência e a escolha do modo de realizar esta tão justa aspiração, antes de nos pronunciarmos definitivamente sobre o assunto.

Quem faz actualmente o trajecto Guimarães-Braga observa que ao longo da estrada existe já uma verdadeira cadeia de povoações que a cada quilómetro nos aparecem com o seu comércio, a sua indústria, a sua agricultura com desenvolvimento muito apreciaveis.

Estes aglomerados não podem deixar de tomar-se em linha de consideração no estudo de um trajecto ferroviário. Seria mesmo um erro de que explorariam prejuizos financeiros para a empresa exploradora da linha.

Todo o movimento dêste trajecto converge para a estrada existente e portanto é necessário que os centros dignos de apreço que hoje se encontram, tais como — Caneiros, Ponte, Taipas, Sande, Morreira, Esporões, etc., não se vejam na dura necessidade de drenar, infrutiferamente, para outros lugares os seus centros comerciais, agrícolas e industriais.

Os meios de comunicação dos diversos povos tem de atender essencialmente ás suas exigências de progresso e prover ao seu desenvolvimento, não lhes criando embaraços nem comprometendo comodidades anteriormente adquiridas.

Sendo certo que todo o tráfico entre as duas cidades e as povoações importantes que as ligam se faz ao longo da actual estrada nacional, está naturalmente indicado que a projectada viação acelerada procure quanto possível servir os povos para cujo desenvolvimento e progressivas aspirações já não basta o velho macadame.

Esse desideratum só pode satisfazer-se respeitando as situações adquiridas, quem sabe quantas vezes com que sacrificios?, e fazendo aproximar dos centros aglomerados o agente de ligação, a viação acelerada.

Este sistema de viação tem dois projectos estudados para ligar Braga a Guimarães: a via férrea, assente em leito próprio e ha longos anos estudada, já com várias concessões para o seu assentamento; e a linha eléctrica assente no leito da estrada nacional.

Qual dos dois sistemas convém mais ás duas cidades, qual dêles prevê melhor os interesses dos importantes povoados que se encontram no trajecto, com os quais temos de entrar em linha de conta, eis o que vamos ver.

## Diz-se...

...Que por ordem superior de quem de direito, foram arrancados do Jardim do Toural, uns interessantes ornamentos.

\*

...Que pela mesma ordem foram transportados para casa do talentoso orientador e sábio mentôr, que tudo manda em casa de quem nada sabe.

\*

...Que o illustre advogado e prestimoso chefe da causa monárquica, anda muito triste e apreensivo.

\*

...Que as verdades são amargas e incomoda ouvi-las.

\*

...Que não se acabou nem terminará nunca o regimen do compadrio, que não esquece do foliar aos afilhados queridos.

\*

...Que a construção de certos lavadouros, não visa de modo algum o interesse público, mas uma dupla conveniencia particular.

\*

...Que lá por dentro se vive numa doce harmonia e cá por fora é geral o contentamento.

\*

...Que em virtude duma tremenda descompustura dada num dos cooperadores da D. Economia, duas pedreiras funcionam para servir a rua da Alegria e que as brigadas de trabalhadores foram retirados das obras dos novos Paços do Concelho.

\*

...Que a representação dos pequenos comerciantes, sofre da doença do sono, enquanto que um ex-pequeno comerciante guindado a altas esferas, continua a bradar: «o sol quando nasce, é para todos...».

\*

...Que o sr. vereador das obras fez reparo pelo custo de Esc. 6.000.000 da boca de incendio a colocar nas novas instalações dos B. Voluntários, esquecendo-se que se não fossem êstes, a entrada da cidade continuaria a ser um belo local de despolhamento.

\*

...Que um dos cooperadores da D. Economia, disse público e razo: «Ora bolas; eu sempre julguei que o sr. Dr. fosse mais fino! Ele nem escreve nem fala».

\*

...Que teriamos muito mais que contar, se nos deixassem dar à lingua.

## Comemoração da Batalha de S. Mamede

E' já do domínio público a attitude tomada por certas entidades em face da ideia, primitivamente lançada pela imprensa local, da comemoração do centenário da batalha de S. Mamede. A' sua attitude se referiram, embora veladamente, as notas officiosas, por nós já divulgadas, emanadas da redacção do jornal "O Conquistador", e da Sociedade de Defesa e Propaganda de Guimarães.

Tudo quanto se tem passado merece um comentário longo e áspero. Não nos deixa o pouco espaço de que dispomos alongar as nossas considerações tanto quanto o necessário; impede-nos de sermos violentos o não querermos que possam, mais tarde, lançar sobre nós as responsabilidades dum possível malôgro da Comemoração. Em todo o caso não nos dispensaremos, por agora, de, serenamente, dizermos um pouco do muito que pensamos e que um dia exteriorisaremos sem quaisquer preocupações.

Há attitudes que marcam bem o caracter de certas individualidades, depondo contra elas de uma maneira flagrante. Em questões que brigasse geral, em questões que brigasse com a dignidade dos vimaranenses, não pode haver, não deve haver, mesquinhas preocupações de simpatia ou antipatia pessoais. Ora quer-nos parecer que algumas das deploraveis attitudes tomadas ultimamente por certos cavalheiros e entidades se filiam pura e simplesmente em questões de ordem pessoal.

Se assim não é, digam-nos como poderá explicar-se a attitude assumida pela direcção da Associação Commercial, attitude que mereceu um comentário causticante do nosso colega "O Conquistador", comentário justissimo que só peca por ser ainda suave.

A direcção da Associação Commercial *escorraçou*—é o termo—das suas salas, com um pretexto fútil, inadmissivel, meia dúzia de bons vimaranenses que até lá haviam ido no desejo louvabilissimo de, juntamente com ella, estabelecerem a melhor maneira de levar por diante a comemoração de um dos factos mais significativos e mais brilhantes da história pátria. Quere dizer: respondeu-se a uma cortezia com uma autêntica arrieirada.

De quem a responsabilidade?

Em princípio, e aparentemente, de toda a Direcção da Associação Commercial, e, portanto, em último lugar, dos sócios desta.

Mas será assim, na realidade?

Não, por dois motivos: em primeiro lugar, porque a attitude referida foi inspirada pelo presidente da Direcção; em segundo lugar, porque os sócios da colectividade em questão se fossem chamados a julgar, numa Assembleia Geral, o acto praticado pelos seus directores, reprová-lo-hia com certeza, manifestando calorosamente o seu desgosto.

Qual a razão oculta que move certas criaturas que aparecem sempre dispostas a entrar em iniciativas como a da comemoração da batalha de S. Mamede?

A imbecilidade, a consistência granítica dos cérebros, a maldade, o amolecimento de todas as boas qualidades, nem por si só, nem em conjunto explicam certas coisas.

\*

\*

Num dos últimos números do "Jornal de Notícias", do Porto, o seu correspondente em Lisboa, E. N. (Eduardo de Noronha), escrevia o seguinte:

"Duas comemorações passam breve. Os centenários dos recontros de S. Mamede e de Ourique. Ambas tem enorme importância social na nossa vida politica. Não é aqui local para fundamentar o seu largo alcance.

Nos povos cultos estas datas não foram despercebidas. Lembra-as principalmente o baírrismo, auxiliado depois pelos poderes públicos. A Comemoração das coisas pertence principalmente ás Câmaras. São elas que devem acordar no espirito das populações a necessidade da sua evidência. Há nisto toda a vantagem. É uma lição de história pátria, um ensino para menores e adultos, uma forma de fazer propaganda da terra, de a popularizar, e de chamar ao seu seio a visita de forasteiros, que trazem sempre dinheiro.

Queremos ser um país de turismo e falta-nos o principal — os meios de condução a girar em artérias adequadas. Impamos de patriotismo e desconhecemos alguns dos factos mais essenciais da nossa história colectiva.

Guimarães é uma terra cheia de tradições. Não há ali uma parede antiga que não tenha sido testemunha de um facto digno de registo. Os seus arrabaldes são de incontestável beleza. Ninguém vai ali que não se extasie ante a beleza dos seus panoramas. Podia ter mais. Só tinha a ganhar com isso, no ponto de vista espirital e material."

Teriam lido estas palavras os empatas?

Oxalá, e oxalá que elas — ou Deus — lhes iluminem os cérebros ou lhes amaciem os corações.

Por hoje, basta.

